



A GRANDE MISSÃO

Flávio Colombini

Ilustrado por
Rick Troula



Projeto gráfico e diagramação: Flávio Colombini
Revisão de texto: Luisa Ghidotti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Colombini, Flávio
A grande missão / Flávio Colombini ;
ilustração Rick Troula. -- 1. ed. --
São Paulo : Ideias Brilhantes Editora, 2025.

ISBN 978-65-85221-30-6

1. Adolescentes - Literatura infantojuvenil
2. Aventuras - Literatura infantojuvenil
I. Troula, Rick. II. Título.

25-316318.0

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Eduardo levantou alegre naquela manhã. Parecia uma segunda-feira como outra qualquer, mas era um dia muito especial: o seu aniversário. Estava com uma sensação de segurança e maturidade, pois era um menino mais velho agora. Completava quatorze anos.

Geralmente a mãe de Edu saía para o trabalho antes de ele acordar, mas naquele dia ela tinha saído da rotina e preparado um belo café da manhã para ele, com cereal, iogurte e frutas. Só depois de acompanhá-lo na refeição matinal é que ela saiu.

Dudu estava com vontade de faltar na escola, mas não podia. Tinha uma bolsa de estudos em um colégio particular e não podia faltar à toa, nem tirar notas baixas. Se, por um lado, gostava de estudar em uma escola de alto nível, por outro, detestava ser o único menino pobre em um colégio de classe média alta.

Edu tomou um banho, vestiu-se e saiu. Estava caminhando para a escola quando seu celular tocou. Do outro lado da linha, uma voz grossa lhe perguntou:

- Quem fala?
- É o Eduardo.
- É o seguinte: nós sequestramos sua mãe.
- Quê?
- Cala a boca e ouve!

Dudu ficou assustado. Além da voz do homem, ouvia também uma mulher chorando ao fundo.

— Eu e meus colegas sequestramos sua mãe. Agora você vai fazer o que eu disser, senão ela morre. Cê tá me ouvindo?

- Tô... mas... como assim?

— Sem perguntas! Só faz o que eu mandar ou então ela vai morrer.

— Mas...

— Agora vai pra escola, que eu vou ligar pro seu celular e dizer o que você tem que fazer. E nem pense em ligar pra polícia, que eu mato sua mãe na hora!



O homem desligou. Edu ficou apavorado e teve dificuldade de assimilar aquela informação. Sua mãe... sequestrada. Como? Ele foi andando a passos apressados para a escola e pensando: *Será que é verdade? E se for um trote?* Resolveu ligar para a mãe. O celular dela tocou, tocou, mas ninguém atendeu. Ele mandou uma mensagem de áudio contando o que aconteceu e perguntando se ela estava bem.

Continuou caminhando e pensando em como sua mãe poderia ter sido sequestrada. Ela pegava condução para o trabalho. Ia até o ponto de ônibus a pé. Teria sido fácil para-

rem um carro ao lado dela e a puxarem para dentro. Mas por quê? Sua mãe não era rica. Muito pelo contrário, mal conseguia pagar as contas. O que será que iam pedir de resgate?

Eduardo tentou ligar para o trabalho da mãe. O telefone tocou um monte de vezes até que uma funcionária mal-humorada atendeu.

— Pois não?

— Por favor, a Neide?

— Aqui não tem nenhuma Neide. Isso aqui é um hospital da rede pública, não uma residência.

— Mas a Neide é minha mãe. Ela trabalha aí como enfermeira, ou melhor, auxiliar de enfermagem.

— Em que setor?

— No pronto-socorro.

— Eu vou transferir.

Dudu esperou muito, ouvindo uma musiquinha chata, até que alguém atendeu, e ele perguntou de novo por sua mãe.

— Ela não chegou ainda. Está atrasada — disse a atendente do pronto-socorro.

Então deve ser verdade... ela foi mesmo sequestrada, pensou Edu. *Nessas horas é que seria bom ter um pai pra me ajudar.* Nunca conhecera seu pai, pois ele tinha morrido pouco antes de Eduardo nascer.

— Acidente de carro — sua mãe dizia. Mas ela nunca queria falar sobre o assunto. Era muito traumático para ela lembrar de Jorge Ribeiro Crivella. Dudu só sabia o nome do pai porque achou um documento antigo dele, guardado em uma gaveta. Na carteira de identidade de Edu, porém, não constava o nome do pai, só o da mãe.

Eduardo chegou na escola vinte minutos antes de tocar o sinal da primeira aula. Ficou do lado de fora. Não sabia se deveria entrar. Se entrasse, não o deixariam mais sair. *O que será que esses sequestradores querem?*

O celular tocou. O menino olhou para a tela para ver o número de quem estava ligando, mas só apareceram as palavras “sem identificação”. Então ele atendeu.

— Escuta aqui...

Era o homem da voz grossa de novo. Ainda dava para ouvir ao fundo os gritos e os choros de uma mulher.

— Mãe!? Solta a minha mãe!

— Cala a boca e ouve! Eduardo, eu vou te dar sua primeira missão.

— Como assim? O que vocês querem de resgate pela minha mãe? Eu não tenho dinheiro.

— Eu não quero dinheiro. Cê acha que eu não sei que você é pobre?

— Mas, então, o que você quer?

— Cala a boca e ouve! Eu quero ver se você é macho.

— Hã?! Mas o que isso tem a ver com a minha mãe?

— Eu tô cansado desse mundo cheio de gente fraca e covarde. Eu quero ver você virar homem de verdade. Se fizer tudo o que eu mandar, vou deixar sua mãe viver. Agora, se não me obedecer, a próxima vez que você ver sua mãe, ela vai estar num caixão.

Caixão. Eduardo se assustou com essa palavra. Já tinha visto uma pessoa num caixão. O seu avô. Ele morrera há um ano. Porém, imaginar sua mãe, a pessoa que ele mais amava no mundo, estirada num caixão, doía demais.

— Essa vai ser sua primeira missão... — avisou o sequestrador.

Edu ouviu prontamente, prestando o máximo de atenção, pois a vida de sua mãe dependia disso.

— A gente ouviu dizer que tem um menino na sua escola que é riquinho e esnobe. Ele vive exibindo um novo telefone celular, de última geração, que ele comprou recentemente.

— Sei, o Paulo Pires.

— Esse mesmo. Eu quero que você roube o celular dele.

— Mas eu não sou ladrão!

— Você vai fazer isso, já! Rouba esse celular e não deixa ninguém perceber, senão sua mãe vai pro saco.

Desligou.

O que eu vou fazer agora?, Dudu pensou. Mas não havia opção. Ele tinha que fazer o que o cara havia mandado.

Eduardo lembrou-se de uma vez, no primeiro ano da escola, quando entrou na sua sala durante o recreio, viu um lápis bonito, que estava sobre uma carteira, e o roubou. Quando descobriu que o lápis era do Pedrinho, seu amigo, Dudu se arrependeu. Ele viu o menino procurando o lápis desesperadamente e isso lhe cortou o coração. No dia seguinte, enquanto Pedrinho estava distraído, Edu colocou o lápis de volta na carteira dele. Depois disso, prometeu que nunca mais roubaria nada.

Mas agora era diferente. Precisava fazer aquilo, senão

sua mãe morreria. Tinha que roubar o celular do Paulo. Mas como?

Naquele instante, Paulo desceu do carro luxuoso do pai e entrou na escola. Edu foi atrás dele.

Paulo logo tirou o celular do bolso para mostrar um joguinho novo a seu amigo Adriano. Edu ficou olhando para o telefone com cobiça. Como conseguiria roubá-lo sem que ninguém percebesse? Impossível.

O sinal ia tocar a qualquer momento. Dudu sentou-se perto dos meninos e ficou ouvindo a conversa deles.



— Então eu dou uns tiros e mato aqueles guardas, pum, pum! — disse Paulo.

— Que louco! — exclamou Adriano.

Os alunos da escola iam chegando e passando por eles. Eduardo tentava bolar um plano. Até que, para seu desespero

ro, o sinal tocou. Paulo parou de jogar, guardou o celular no bolsinho externo da mochila e fechou o zíper.

Foi então que Edu viu seu único amigo da escola, o Luiz, jogando bola com outros meninos ali perto. Foi até ele e lhe pediu um favor. Luiz não entendeu direito, mas fez o que Dudu tinha pedido: chutou a bola bem na cara do Paulo.

O menino riquinho ficou bravo, largou a mochila e foi para cima de Luiz. Nisso, Eduardo deixou sua mochila no chão, pegou a mochila do Paulo e saiu andando.

— Calma, Paulo, foi sem querer! — Luiz se desculpou.

— Tá bom, até parece...

Enquanto isso, Edu fez um plano rápido: *Vou entrar no banheiro, pegar o celular e largar a mochila lá.* Mas logo alguém o chamou.

— Dudu!

Era Paulo.

— Oi?

— Aonde você vai com a minha mochila? — perguntou ele, indignado.

— Hã? Caramba! — disse Eduardo, com a maior cara de pau. — Nem tinha percebido que peguei a mochila errada. Achei que era a minha.

O problema é que a mochila velha e surrada do Edu não se parecia nem um pouco com a mochila nova e bonita do Paulo.

Eduardo lhe devolveu a mochila e pegou a sua do chão. Tinha perdido sua única chance. O que faria agora?

Todo mundo foi subindo as escadas em direção às salas de aula. Era uma bagunça. A molecada se espremia para subir ao mesmo tempo. Nisso, Dudu teve uma ideia. Ele ficou atrás de Paulo e aproveitou toda aquela baderna para abrir o zíper da mochila dele. Fez isso delicadamente, sem que Paulo percebesse.

No topo da escada, algumas meninas começaram a brigar com dois garotos que estavam fazendo gracinha com elas. Toda a escada parou. Edu aproveitou, enfiou a mão

na mochila de Paulo e retirou o telefone de lá. Nessa hora, Paulo deu uma olhada para trás.

Será que ele percebeu?, Dudu pensou. Mas Paulo só resmungou:

— Essas meninas são muito frescas!

Edu escondeu o celular na cintura da calça e pôs a camiseta por cima. Afastou-se de Paulo e foi para a classe. Entrou e se sentou. Disfarçadamente, guardou o aparelho na mochila. Só então respirou aliviado.

Felizmente Paulo era da outra classe. Provavelmente só daria pela falta do aparelho no recreio, pois a escola proibia o uso de celular em sala de aula.

Dudu assustou-se quando recebeu uma mensagem de texto no seu telefone, que dizia:

“Quero ver o celular. Ponha ele em cima de sua carteira e depois guarde de novo.”

Mas onde está esse sequestrador? Como ele pode me ver?, pensou Edu. Ele ficou olhando pelas grandes janelas da sua classe. Havia diversos prédios em volta da escola. Se o sequestrador ou seus comparsas estivessem em um daqueles prédios, teriam uma boa visão da sala de aula. Poderiam também ter escondido em algum lugar uma minicâmera, que transmitia imagens da classe pela internet. Edu olhou em volta da sala, mas não viu nada parecido com uma câmera. Mesmo assim, decidiu fazer o que fora pedido. Esperou por um momento adequado, que surgiu quando Henrique, um menino exibido, começou a cantar um pagode ridículo, e todo mundo começou a zoar com ele. Edu aproveitou a distração geral e pôs o telefone em cima da carteira. Dois segundos depois, guardou-o de volta na mochila. Então espiou à sua volta. Ninguém estava olhando para ele. Ótimo.

Logo recebeu outra mensagem no seu celular:

“Parabéns! Você cumpriu sua primeira missão. Aguarde a próxima.”

O professor Nelson entrou na sala e iniciou a aula de Matemática. Mas Eduardo nem prestava atenção. Não conseguia parar de pensar em sua mãe. Será que ela estava ferida? Será que Edu conseguiria fazer tudo o que os sequestradores iriam pedir? E se pedissem para ele realizar uma missão durante a aula e ele não conseguisse cumprir?

Mas eles não entraram em contato durante a primeira aula. E felizmente o professor não lhe perguntou nada sobre a matéria explicada na lousa. O menino com certeza não saberia responder.

A segunda aula foi com a professora Rosa, de Português.

— Eduardo? — chamou a professora.

Ele demorou para perceber que a professora estava falando com ele.

— Hã?

— Você parece disperso. Está tudo bem?

— Tá.

— Então faça a análise sintática desta frase: “O menino está com medo”.

Mas deu um branco, e Dudu esqueceu tudo o que tinha aprendido da matéria. Ele ficou mudo. A professora continuou:

— O que é “o menino” na frase?

— Eu... é... quer dizer...

A frase era bem simples, mas Edu não soube responder. Seria ele esse menino? Ele certamente estava com medo. Apavorado com o que poderia acontecer com sua mãe se ele não fizesse tudo o que o sequestrador queria. Dudu ten-

tou falar alguma coisa.

— O menino... hã...

— Posso responder professora? — interrompeu Lívia, a menina mais inteligente da classe.

— O que está acontecendo com você, Eduardo? — perguntou a professora.

— Não sei.

— Pois então preste mais atenção na aula. É inaceitável que um dos melhores alunos da sala não saiba analisar uma frase tão simples.

Edu ficou quieto. A professora apontou para Lívia, que respondeu, com orgulho:

— “O menino” é o sujeito da frase. “Está” é verbo de ligação...

Eduardo não conseguia focar seu pensamento na explicação. Só pensava na sua mãe e nos sequestradores. Naquela aula, porém, eles também não ligaram. Será que tinham matado sua mãe e não entrariam mais em contato?

Na terceira aula, a diretora do colégio, Dona Rute, entrou na sala. Ela era muito séria e tinha fama de durona. Edu gelou quando viu quem estava ao lado dela. Era Paulo, com uma cara brava. Dona Rute deu um aviso para a classe:

— O Paulo veio à minha sala comunicar o sumiço de seu telefone celular. Ele acha que foi furtado nas dependências da escola. Mas nós preferimos pensar que todos os alunos aqui são honestos. Eu vim perguntar se, por acaso, alguém achou o celular dele?

Mas ninguém se manifestou.

Paulo descreveu como era o aparelho. Depois olhou com desconfiança para Dudu, que desviou o olhar, com medo de ser descoberto. A diretora continuou:

— Quem achar o celular, por favor, devolva diretamente para o Paulo ou deixe comigo na diretoria. Agora, se a gente souber que esse aparelho foi realmente furtado, e descobirmos quem foi, essa pessoa será expulsa da escola.

Ao finalizar seu pequeno discurso, a diretora saiu da sala.

Apesar de achar o Paulo um riquinho exibido, Edu sentiu pena dele. *Coitado. Gosta tanto do seu celular.*

Dudu gostava de andar com a consciência limpa. Sempre havia cumprido aquela promessa feita no primeiro ano escolar e nunca mais roubara nada de ninguém (a não ser alguns doces do seu vizinho chato, mas isso não conta). Sentia-se mal por ter quebrado sua promessa e feito aquilo com o Paulo. Pensou em tentar devolver o celular sem que ninguém percebesse. Mas e se o sequestrador pedisse o aparelho e Dudu não o tivesse mais? Seria o fim para sua mãe. Não. Ele não podia arriscar. Era melhor ficar com o telefone. Preferia o risco de ser pego e expulso da escola do que o risco de desagradar os sequestradores e perder sua mãe.

Depois da visita da diretora, a aula passou rápido. Foi no recreio que o celular de Eduardo tocou novamente.

A voz grossa, do outro lado da linha, disse:

— Agora eu quero ver se você é macho mesmo!

— Quê?

— Escuta. Eu quero que você pegue a menina mais bonita da sua classe.

— Como assim?

— Você é surdo? Eu quero que você beije a garota mais gata da sua sala.

Eduardo logo pensou em Júlia. Ela era linda! A menina mais bonita da classe, com certeza. Todos os meninos eram apaixonados por ela. Edu sentiu um certo prazer dentro de si. Nunca teria coragem de pedir para ficar com a Júlia. Mas, já que o sequestrador estava mandando... até que seria legal tentar cumprir essa nova missão.

— Entendeu bem o que você precisa fazer?

— Entendi, claro. Vocês querem que eu beije a Júlia.

— Que Júlia? Que Júlia nada! Não sei quem é ela. Eu quero que você beije a mais linda de todas.

— Quem?

— A Lívia.

— A Lívia? Mas ela é feia!

— Me contaram que ela é a mais bonita.

— Mas...

— Ela mesma. Eu fiz uma pesquisa sobre sua vida antes de sequestrar sua mãe. Eu sei tudo sobre você. Me disseram que você é um mariquinha, que nunca ficou com mulher. Eu tô te dando uma chance pra você provar que é macho, pra você salvar sua mãe e se livrar dessa vergonha. Vai lá, agora, e beija essa menina!

- Mas...
- Sem discutir!

O sequestrador desligou o telefone.

Como ele sabe tanto sobre minha vida?, pensou o garoto. Realmente, Edu nunca tinha ficado com nenhuma menina. Nunca tinha beijado na boca. Era BV. Boca virgem. Alguns meninos caçoavam dele por causa disso. Ele já tinha treinado dar beijos de língua nas costas da mão. Luiz tinha dito que era um bom treino. Dudu achava que, quando tivesse uma oportunidade de beijar, saberia mais ou menos como fazer. Era só encostar os seus lábios no da garota, abrir a boca (mas não muito) e mexer a língua suavemente, junto com a língua dela.

Agora, Eduardo ia ter que dar seu primeiro beijo, na marra. Mas ele não queria que fosse com a Lívia. Ela era a melhor aluna da classe, e Edu a admirava por isso. Ele também era estudioso, apesar de nunca conseguir tirar notas tão boas quanto as dela. O problema é que Lívia era feia, com aquela franja caindo na testa, aqueles óculos meio tortos, aquelas espinhas... sem contar que era chatinha. Definitivamente não sentia nenhuma atração por ela.

Porém, Dudu não podia exigir muito. Seu cabelo era bagunçado, também tinha algumas espinhas e era meio feio. Quer dizer, às vezes se achava bonitinho, às vezes feio, dependendo do dia. É claro que sabia que nunca conseguiria ficar com a Júlia, mas a Lívia... Podia ser pelo menos a Mariana...

Mas isso não importava agora. Eduardo tinha que beijar a Lívia. Era isso que os sequestradores queriam, e a vida de sua mãe dependia disso. Sem perder mais tempo, Edu avistou Lívia do outro lado do pátio e começou a andar em direção a ela. Mas foi interrompido por Luiz, que lhe deu um grande abraço.

— Parabéns, Edu! Hoje é seu aniversário. Só agora eu me lembrei.

— Valeu, Luiz! Valeu, mesmo! Você foi a única pessoa

que lembrou. Você e a minha mãe...

— Cê acha que eu ia esquecer o níver do meu melhor amigo?

— Obrigado! Só me dá licença, que agora eu preciso beijar a Lívia.

— O quê?

Não devia ter falado nada, Dudu pensou. Luiz continuou:

— Cê vai beijar a Lívia? Cê ficou maluco!

— Claro que não. Eu só quero beijar alguém hoje e acho que com ela eu tenho chance.

— Por quê? — indagou Luiz.

— Porque ela é feia.

— Quem é feia? — perguntou uma voz feminina.

Era Lívia. Bem ao lado deles.

Eduardo estava distraído com Luiz e nem percebeu que já tinha chegado perto da Lívia. Sem graça, tentou corrigir seu erro.

— Ninguém é feia — disse Dudu para ela. Então virou-se e dispensou Luiz: — Depois eu te explico melhor. Deixa eu falar com ela agora.

— Tá bom, mas eu acho que cê tá doidinho!

Luiz saiu de perto, e Dudu voltou-se para a menina.

— Lívia...

— Oi.

— Eu posso falar um negócio com você?

— Pode.

— Mas... só com você.

— Como assim?

Lívia e suas duas amigas, Perla e Letícia, olharam curiosas para Edu.

— Vem comigo, que eu quero te falar uma coisa em particular.

Lívia estranhou, mas foi com ele para um canto do pátio.

— Que foi? — perguntou ela.

Eduardo foi bem direto.

— Você quer ficar comigo?

— Quê?

— Cê quer ficar comigo?

— Como assim?

— Eu quero te dar um beijo.

— Mas você gosta de mim?

— Não.

— Então por que você quer ficar comigo?

— Eu não preciso estar apaixonado pra querer ficar com

você. Eu só tô com vontade de te beijar. Posso?
Edu se aproximou, mas ela se afastou.



- Aqui, no meio de todo mundo? — protestou Livia.
- E daí? Ninguém tá vendo.
- Ninguém!?

Dudu olhou para os lados e viu um monte de gente no pátio olhando para eles. As amigas da Livia, o Luiz e várias outras pessoas do colégio. Ficou com muita vergonha. Todo mundo vendo-o tentar ficar com uma das meninas mais feias da classe, e ele nem estava conseguindo. Mas Eduardo não ia desistir. A vida de sua mãe dependia disso. Ele continuou seu xaveco.

- E daí que eles tão olhando? Eu não tenho vergonha!
- Mas eu tenho — disse ela. — Eles vão ficar gozando da gente.
- Não vão. Por favor, me dá só um beijo!
- Não.

- Por quê?
- Não sei — disse ela.
- Como assim? — Edu perguntou, já sem paciência.
- Se eu falar uma coisa, cê não conta pra ninguém? —

pediu Livia.

- Tá, pode falar.
- Promete?
- Prometo — garantiu ele.

Ela hesitou um pouco, mas falou.

- Eu sou BV.
- E daí? — perguntou Dudu.
- Eu não sei beijar — continuou Livia.
- Eu também não.
- Quê?

— Eu também nunca beijei ninguém — Eduardo confessou.

- Mas então...
- Deixa eu te dar um beijo! Vamos aprender juntos!

Livia pensou, pensou...

- Por favor... — insistiu Edu.
- Você não vai ficar espalhando pra todo mundo que eu

beijo mal?

— Claro que não. Até aí, eu também acho que eu beijo mal. Quer dizer, eu devo beijar mal, pois não tenho nenhuma experiência. Faz isso por mim! Hoje é meu aniversário...

- Sério?
- É.
- Tá.
- Tá o quê?

Livia ficou olhando para Eduardo. Ela deu um sorrisinho tímido. Era um “sim” sem palavras. Ele entendeu que era hora de tomar a iniciativa. Olhou para Livia com carinho e foi aproximando seu rosto. Estava curiosíssimo para dar seu primeiro beijo e, a essa altura, já estava realmente com vontade de beijá-la. Mas ela afastou-se de novo e não se deixou beijar.

— Que foi, agora? — perguntou Dudu.

— Vamos esperar a hora da saída, e a gente vai num lugar onde não tem ninguém vendo.

— Não.

Sem perder mais tempo, Eduardo avançou e deu um beijo na boca dela. Ficaram com os lábios encostados por alguns instantes, sentindo aquela sensação estranha e gostosa que um beijo traz. Depois seus lábios se abriram, suas línguas se tocaram e começaram a brincar uma com a outra.

Até que não é tão difícil beijar, pensou Edu. E era uma delícia! Por um momento, Eduardo esqueceu de tudo o que estava passando naquela manhã infernal e sentiu um gostinho de céu, de paraíso. Mas foi só por um momento. Logo a imagem de sua mãe sofrendo nas mãos de sequestradores voltou a atormentar seu pensamento.

Ele parou de beijar Lívia. Ficou sem jeito e desfez-se do abraço. Ela ficou com uma carinha de quem queria mais. Tinha sido um ótimo beijo! Um presente de Deus, ou melhor, dos sequestradores, naquele dia dos diabos.

— Obrigado! — disse Edu.

Então virou as costas e saiu andando. Lívia ficou sem entender por que ele saiu de perto dela tão rápido. Eduardo foi cruzando o pátio. Viu Luiz e outros colegas vindo em sua direção, mas desviou-se e foi para outro lado. Não queria ouvir comentários, nem piadinhas sobre o seu grande feito. Mas não adiantou.

— Que bom gosto você tem, hein, Dudu! Beijou a Lívia. Eca! Ela é mó feia!

Foi um comentário do Alan, um loirinho chato que vivia enchendo o saco do Edu.

— Acho que ele tem problema de vista. Precisa usar óculos — comentou Fred, o melhor amigo de Alan e tão pentelho quanto ele.

— Vai ver ele não tem dinheiro pra comprar — completou o chato do Cleiton. — Além de pobre, é cegueta.

Outros meninos que estavam ali perto começaram a rir.

Nisso, o celular de Eduardo apitou. Era uma mensagem de texto do sequestrador, que dizia: “Só um beijo é pouco... Volte lá, agora!”

Edu ficou bravo e gritou:

— DROGA!

Os meninos até se assustaram. Eduardo voltou por onde tinha vindo, andando rápido em direção à Lívia, que, a esta altura, já estava rodeada de amigas perguntando sobre o beijo. Dudu puxou Lívia pela mão, tirando-a do meio das outras meninas, e deu-lhe mais um beijo. Um beijo longo. Tão longo que se formou uma rodinha em volta deles. Demorou tanto que até Souza, o inspetor de alunos, veio separá-los. Ele chegou falando:

— Não pode ficar se agarrando na escola!

Mas Edu nem deu ouvidos e continuou beijando Lívia. Souza colocou as mãos nos ombros dos dois, para terem certeza de que era com eles que estava falando.

— Por favor, parem de se beijar! É a nova política da escola. A diretora proibiu beijos e amassos aqui dentro. Muitos pais acham que isso é uma indecência.

Eduardo continuou beijando Lívia, indiferente à ordem do inspetor. Lívia ia parar de beijá-lo, mas Edu abraçou-a com mais força e continuou a beijá-la. Até que o inspetor teve que se enfiar no meio dos dois para separá-los à força. Quando isso aconteceu, Dudu olhou com satisfação para Lívia, que estava com cara de que tinha entendido pouco, mas gostado muito. O inspetor mandou cada um para um lado, dizendo:

— Eu não quero que isso aconteça de novo!

O sinal tocou. Em meio a todos os alunos que voltavam para as salas, Eduardo caminhava sem falar com ninguém. Alan e Fred vieram pentelhar de novo, mas Edu nem deu bola. Estava com uma sensação de vitória por ter cumprido a missão e, ainda por cima, tinha gostado de beijar Lívia.

Na quarta aula, nada aconteceu. Nenhuma pergunta da professora de Inglês. Nenhuma ligação do sequestrador. Graças a Deus!

A professora saiu da sala e, antes de entrar o Sérgio, o professor de Biologia, a classe ficou bagunçada, com todo mundo falando. Foi então que o celular de Edu tocou.

“Sem identificação” aparecia na tela. Era o sequestrador de novo. *Por que nunca aparece o número dele?*, pensou Eduardo, antes de atender.

— Alô.

— Eu quero ver você trazer pra sua classe um saquinho de batatinha frita.

— Quê?

— Você me ouviu.

— Como assim? Batata frita na hora, tipo de lanchonete?

— Não, seu molenga! Batatinha chips, de saquinho. Eu quero que você apareça com um saco de batatas na sua sala antes de acabar a aula!

— Mas é impossível! — replicou Edu, em desespero.

— Não quero saber. Você tem 50 minutos. Arranja isso ou sua mãe morre!

— Batatinha chips, pra quê? Cê tá louco!

— Louco é você de deixar sua mãe morrer por causa de um saquinho de batatas. Consegue isso e não discute!

Desligou. Eduardo olhou para o celular sem acreditar no que tinha ouvido. Por que o cara iria pedir uma coisa dessas? Só para testá-lo mesmo. Como ele conseguiria um saco de batatinhas? Ele poderia tentar sair da sala e comprar na cantina...

Não. A escola não vendia mais salgadinhos desse tipo. São muito gordurosos. Era a nova política por uma alimentação mais saudável para as crianças. Mas de que adiantava? Quando saíam da escola, os alunos compravam salgadinhos na vendinha da esquina.

É isso! A vendinha da esquina. Edu tinha que ir até lá comprar as batatinhas. Mas como sairia da aula? Como sairia da escola com os inspetores chatos vigiando tudo?

Calma, uma coisa de cada vez, ele pensou. *Vou primeiro sair da sala...* Mas, antes que pudesse sair, chegou o professor Sérgio. *Tinha que ser bem ele!* Edu se levantou e foi até a porta, aproveitando que o professor mal entrara na sala.

— Aonde você vai, garoto? — perguntou o professor.

— Vou no banheiro — respondeu Dudu.

— Vou ao banheiro — replicou o professor.

— Você também vai?

— Não. Estou te corrigindo. O correto é dizer “vou ao banheiro”.

— Tá bom. Posso ir ao banheiro?

— Não. Agora você não vai. Por que você não foi no intervalo entre uma aula e outra?

— Eu só tive vontade agora.

— Tarde demais. Agora só no final da aula.

— Não, professor, eu tô muito apertado.

— Vai ter que esperar até o final da aula. Não quero saber. Não gosto de alunos saindo e entrando na sala.

— Mas, professor...

— Volta pro seu lugar!

Edu voltou para sua carteira, indignado. Ficou com tanta raiva que era capaz de explodir. *Vou sair de qualquer jeito. Vou correr até a porta, abrir rápido e me mandar. Não quero nem saber. Posso levar advertência ou até ser suspenso, mas não importa. O que importa é salvar minha mãe!*

Dudu se preparou psicologicamente para sair correndo da classe. Só que, quando ia fazer isso, ele ouviu um barulho de peido. *Que será isso?* Ele olhou para trás. Era Cleiton, o

menino que sentava logo atrás dele. Tinha posto a mão na boca e assoprado, simulando um barulho de pum, bem alto. O professor ficou bravo e perguntou:

— O que é isso?

Cleiton respondeu, zoando:

— É o Dudu, professor. Deixa ele ir no banheiro, senão é a gente que vai ter que aguentar o fedor.

A classe toda deu risada. Edu ficou bravo e já ia xingar Cleiton, quando o professor falou:

— Tá bom, Eduardo! Vou fazer uma exceção. Pode ir no... quer dizer, ao banheiro. Mas volte rápido!

Edu nem acreditou. Cleiton era o terceiro cara mais chato da sala (só perdia para o Alan e o Fred). Ele sempre atrapalhava Edu. Mas, dessa vez, sem querer, o ajudou.

Eduardo saiu rápido da sala, fingindo que ia ao banheiro. *Não tenho tempo a perder, pensou. Mas como vou sair da escola?* Edu não sabia a resposta. Foi descendo as escadas e caminhando até a saída. Mas topou com o inspetor Souza. Ele logo o parou e lhe perguntou:

— Onde você pensa que vai?

— Ao banheiro — respondeu Dudu.

— Mas tem um banheiro no seu andar, por que você desceu até aqui?

— O banheiro lá de cima tá muito fedido.

— Hmm, sei. Vou mandar a faxineira limpar. Anda logo!

Eduardo entrou no banheiro. Espiou até Souza ir embora. Depois saiu correndo até o portão principal. Mas estava fechado. Olhou para todos os lados para ver se tinha um jeito de pular o muro da escola, mas era inútil. O muro tinha três metros de altura e não havia nenhum ponto para escalar.

Dudu não sabia o que fazer. Correu para os fundos da escola para ver se tinha alguma outra opção de saída. Foi então que notou que Celina, a dona da cantina, ainda estava lá, fechando o caixa. Todos a chamavam de tia. Edu foi falar com ela, apressado.

— Tia, você tem batatinha chips?

— Não, a escola não deixa mais vender. Engorda muito.

— Eu não acho — discordou Edu. — Eu sempre como salgadinhos e não sou gordo.

— Eu concordo com você. O que engorda é assistir TV o dia inteiro e não fazer nenhuma atividade física. Mas vai falar isso pra diretora. Ontem mesmo eu conversei com ela sobre isso...

Eduardo não prestou mais atenção no papo dela. Ficou olhando para os muros da escola. Viu a quadra de esportes com suas grades de ferro, que iam até o alto para impedir que as bolas escapassem. A grade ficava bem rente ao muro lateral da escola.

Sem vacilar, Edu saiu correndo, escalou as grades e chegou ao topo do muro alto. Celina gritou:

— DESCE DAÍ, MENINO!

Dudu nem deu ouvidos. Ele olhou para o outro lado do muro. Era um prédio residencial. Tinha um chão de concreto. Se pulasse daquela altura, ia se estropiar todo. Mas tinha um jardinzinho com grama e umas plantas. Foi para lá que Edu pulou, sem hesitar.

Foi um belo pulo. Parecia um dublê de cinema. Caiu direitinho no jardim. A grama amorteceu a queda, e ele não se machucou. Porém, enfiou a mão em algo nojento e logo percebeu para que o jardim era usado. Banheiro de cachorro. Felizmente esses cachorros de prédio chique comem ração e têm um cocô durinho, que não meleca tanto. Mesmo assim, a sensação não era boa, nem o cheiro.

Edu ouviu a tia da cantina gritando, desesperada:

— O menino pulou o muro! SOCORRO!

Eduardo saiu andando apressado. Não viu nenhuma torneira para lavar a mão suja de cocô. Teve de limpá-la nas folhas de uma planta.

Dudu chegou à portaria do prédio. Fingiu que era um morador que estava saindo. Os porteiros geralmente não fazem perguntas a quem está saindo de um prédio, mas aquele fez:

— Onde você tava, menino? Eu não vi você entrar.

Edu improvisou rápido.

— Eu tava no João...

— Ah, tá bom.

O porteiro abriu o portão. Mas aí perguntou:

— Que João?

Dudu não respondeu. Saiu correndo dali.



Você acabou de ler os primeiros capítulos desta história, que tem 98 páginas no total. Compre o livro em papel ou o e-book para continuar esta emocionante aventura!